

Cláudia Coimbra de Toledo Lara

O SÍMBOLO DE DEUS COMO IMAGEM DO SELF NA
CRIANÇA: UM ESTUDO DE CASO

Curso de Psicologia
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
São Paulo
2010

Cláudia Coimbra de Toledo Lara

O SÍMBOLO DE DEUS COMO IMAGEM DO SELF NA
CRIANÇA: UM ESTUDO DE CASO

Trabalho de Conclusão de Curso como
exigência parcial para a graduação no
curso de Psicologia, sob orientação da
Profª Ivelise Fortim

Curso de Psicologia
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
São Paulo
2010

LARA, Cláudia Coimbra de Toledo. *O símbolo de Deus como imagem do Self na criança: um estudo de caso*. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia, sob orientação da Prof^a Ivelise Fortim.

Resumo

Essa pesquisa teve como objetivo verificar como é a imagem do Self para uma criança de 8 anos. Os procedimentos utilizados para atingir esse objetivo foram desenhos e inquéritos com a criança, além de uma entrevista com o pai. O referencial teórico foi o da Psicologia Analítica, que afirma que a imagem de Deus é uma das imagens do arquétipo Self e, portanto procurou se investigar esta imagem pelo desenho de Deus. A análise foi feita em duas partes: uma consistiu em categorias de análise propostas por Rios (2008) e a outra de uma amplificação simbólica dos desenhos. Através da análise foi possível concluir que a imagem de Deus carrega a projeção do Self além do que foi aprendido pela criança através de seu ambiente cultural e familiar. Também foi possível concluir que o desenho de Deus suscita na criança a expressão de temas do arquétipo do Self.

Palavras-chave: Psicologia Analítica, Imagem de Deus, criança.

Agradecimentos

Aos meus amigos, principalmente aos meus colegas da PUC-SP, pelo apoio e ajuda durante todo o percurso do meu trabalho, além da excelente companhia ao longo desses anos;

A minha família, por todo o amor e apoio;

Aos professores que tive durante esses anos na minha formação como psicóloga, que contribuíram tanto para o meu crescimento profissional como pessoal;

À professora Ivelise Fortim, pela orientação deste trabalho;

A todos que possibilitaram que esse trabalho fosse concluído!

Sumário

1. Introdução.....	5
1.1) Relação entre Self e Imagem de Deus para a Psicologia Analítica...	6
2. Desenvolvimento Infantil.....	10
3. Self e Imagem de Deus.....	19
3.1) Símbolos do Self.....	22
4. Método.....	26
5. Resultados.....	30
6. Análise	32
6.1) Categorias de análise.....	32
6.1.1) Fenômeno.....	32
6.1.2) Localização no contexto do desenho.....	32
6.1.3) Atributos de Deus.....	33
6.1.4) Atividade de Deus.....	33
6.2) Amplificação simbólica.....	34
6.2.1) Desenho de Deus.....	34
6.2.2) Desenho livre.....	37
7. Considerações Finais.....	40
8. Referências Bibliográficas.....	43
9. Anexos	
9.1) Anexo I-Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	45
9.2) Anexo II-Inquérito e Entrevista.....	47
9.3) Anexo III-Cuidados Éticos.....	49
9.4) Anexo IV-Desenho de Deus.....	51
9.5) Anexo V-Desenho Livre.....	52

1.Introdução

O presente trabalho tem como objetivo investigar como uma criança de 8 anos representa Deus. A elaboração do tema abordado neste Trabalho de Conclusão de Curso foi uma junção de diferentes interesses da pesquisadora. No início já havia o interesse pelo tema da religião e uma afinidade pela abordagem junguiana. Com esses dois elementos surgiu a curiosidade como seria que crianças menores imaginam Deus; já que Deus é um conceito abstrato e complexo e é conhecido pela criança através do seu ambiente cultural, sendo os pais os principais representantes desse ambiente. Com a escolha que a pesquisa fosse prática e qualitativa, optou-se por um estudo de caso. Neste momento houve o encontro da pesquisadora com a tese de mestrado de Ana Maria Galvão Rios (2008) intitulada “Um estudo junguiano sobre a imagem de Deus na infância dentro da tradição cristã”, onde ela aborda este mesmo tema da imagem de Deus em crianças. Com a leitura da tese houve o questionamento de como seriam as imagens de Deus em crianças na faixa etária de 8 anos até 11 anos, em uma faixa etária não pesquisada por Rios. Outra questão levantada pela própria autora foi a importância de incluir o contexto familiar na qual a criança está inserida na discussão da imagem de Deus. Essa importância se dá porque o contexto familiar e cultural é muito influente na imagem que a criança vai formar. Com isso, nesta pesquisa foi incluído uma breve entrevista com os pais para que o contexto da criança fosse conhecido.

Para essa pesquisa, a faixa etária de 8 anos foi escolhida por dois motivos. Primeiramente porque esta faixa etária não foi pesquisada por Rios (2008) e, também, porque ela se caracteriza por um momento de transição entre a fase mágica e a mental (NEUMANN, 2008). Essa fase chamada mitológica engloba crianças de 5 a 8 anos aproximadamente. Nela, as crianças já têm uma boa diferenciação entre consciente e inconsciente, e já conseguem fazer representações e abstrações. Aos 8 anos as crianças já estão mais próximas da fase mental, marcada pela discriminação consciente e inconsciente e pela organização do próprio pensamento.

O referencial teórico junguiano foi escolhido por afinidade da pesquisadora com as idéias de Jung. Para a Psicologia Analítica, a imagem de Deus é uma representação do arquétipo do Self. O Self se caracteriza pela totalidade e é o organizador de toda a psique. A imagem de Deus vai abarcar tantos os elementos inerentes à projeção do arquétipo do Self como o ambiente no qual esta está inserida.

Portanto, o objetivo desta pesquisa foi o de verificar através de um desenho de Deus o Self infantil nesta fase de transição em que a criança se encontra.

1.1) Relação entre Self e Imagem de Deus para a Psicologia Analítica

Antes de qualquer conceituação é importante ressaltar que Jung (apud RIOS, 2008) afirma não ser possível discutir a existência ou não de Deus, sua existência metafísica. Mas só é possível estudar o fenômeno do reflexo de Deus na psique humana, compreendendo a imagem de Deus como um símbolo. (RIOS, 2008).

Para Jung, a imagem de Deus contida na psique é a representante do arquétipo do Self. Jung (1987) afirma que arquétipos são

“... formas e imagens de natureza coletiva, que surgem por toda parte como elementos constitutivos dos mitos e ao mesmo tempo como produtos autóctones individuais de origem inconsciente (p. 56)”.

Os arquétipos são potencialidades comuns a todos os homens. Tais potencialidades humanas vão ao longo do tempo sendo preenchidas por imagens. As imagens que vão preencher o arquétipo vão inevitavelmente estar ligadas à cultura, à história, ao ambiente dessa pessoa ou conjunto de pessoas; além disso, sempre haverá um ‘gancho’ que permite a ligação entre a imagem e o arquétipo em si. Assim, não conseguimos separar exatamente o arquétipo de sua imagem, já que é só através das imagens que chegamos aos arquétipos.

O arquétipo do Self, ou si-mesmo, é a totalidade, é o representante da união de opostos, abarcando toda a psique, tanto o consciente como o inconsciente. “.. [O Self]. constitui o centro da personalidade psíquica total,

ilimitada e indefinível (p. 45, JUNG, 1987)”. O Self carrega propriedades grandiosas, como onipotência, onisciência, organização e ordenação da psique. Assim, como arquétipo, o Self vai sendo preenchido de imagens e no ocidente uma dessas imagens é a de Deus, que carrega as mesmas características atribuídas ao Self. (JUNG, 1987). Para Jung (1987) a vivência desse arquétipo pode adquirir um caráter numinoso, com um grande efeito sobre a pessoa que o vivencia, fazendo com que esta experiência possa ser chamada de religiosa.

Silveira (1992) discute a importância das imagens, além dos delírios e fantasias, para a Psicologia Analítica. As imagens são reflexos do que está acontecendo na psique das pessoas, e a formação de imagens é algo intrínseco a psique humana: “... a energia psíquica faz-se imagem, transforma-se em imagem” (p.85). Na mesma obra ela distingue dois tipos de imagens do inconsciente, sendo que um dos tipos é das imagens que representam conteúdos do inconsciente pessoal, e o outro tipo, imagens de caráter impessoal, representantes do inconsciente coletivo. É nesse último tipo de imagens, as provenientes do inconsciente coletivo (imagens arquetípicas) que a imagem de Deus se encontra. Dessa maneira, a imagem de Deus como representante do arquétipo Self vai ter elementos comuns em toda a humanidade. Segundo Silveira (1992) as imagens arquetípicas:

“configuram vivências primordiais da humanidade, semelhantes nos seus traços fundamentais, em toda parte do mundo, podendo revestir-se de roupagens diferentes de acordo com a época e as situações em que se manifestam, exprimindo, porém, sempre os mesmos afetos e idéias.” (p. 86).

Segundo Silveira (1992) Jung estuda o arquétipo trinitário e suas correspondências com a evolução da psique humana. O primeiro estágio, onde estariam crianças de 8 anos, é onde os sujeitos se encontram numa situação passiva, sem reflexão ou questionamento, onde as leis são absolutas e devem ser obedecidas. Dessa maneira, os desenhos de Deus dessas crianças vão conter elementos do arquétipo Self e, além disso, muito do que foi aprendido no seu ambiente cultural e familiar a respeito de Deus.

É necessário ressaltar que o ambiente é um fator muito importante para a formação de tal imagem. Oliveira (2005) discute o fator ambiental como importante não só para a formação do conceito de Deus, mas também para a formação da religiosidade na criança. Dessa maneira, a família tem grande influência na formação do conceito de Deus na criança. Assim é importante ver a religiosidade infantil e a imagem que as crianças têm como algo complexo e em constante mutação devido ao processo de desenvolvimento, bem como às experiências novas que com o tempo estas vão adquirindo.

Para chegar à imagem de Deus o desenho foi escolhido. Segundo Rios (2008) ao desenhar nós projetamos parte da nossa psique, sendo também o inconsciente. Afirma também que principalmente para as crianças o desenho é um recurso muito expressivo para conteúdos internos, abstratos e imagens arquetípicas, já que os recursos verbais ainda não totalmente desenvolvidos podem limitar a expressão de seus conteúdos. Para Ferreira (2005)

“As imagens figurativas, indicadoras e testemunhas do valor simbólico e cultural do desenho, têm significados atribuídos pela própria criança que desenha, e esta tem a intenção de representar simbolicamente alguma coisa, dirigida por uma série de representações e crenças advindas de seu meio cultural” (p.16).

O recurso de desenhar cabe ao objetivo de investigar a expressão do arquétipo do Self pela imagem de Deus na criança, porque ela além de ter como referência o seu meio cultural, dá significados próprios aos seus desenhos. O desenho não é algo meramente imitativo, mas sim uma expressão subjetiva da criança, sendo a síntese do que advém do seu meio cultural e do que vêm do inconsciente pessoal e do coletivo.

Conclui-se então que independente da existência de Deus, é possível apreendê-lo dentro da nossa psique. A imagem de Deus é um símbolo do Self e dos conceitos aprendidos ao longo da vida, sendo incluídos os aspectos cognitivos vindos do ambiente cultural.

Nos próximos capítulos será realizada a discussão de como se dá o desenvolvimento psíquico para a Psicologia Analítica, para que possa haver uma

maior compreensão da situação psíquica dos sujeitos desta pesquisa. Também a discussão do arquétipo do Self e sua relação com a imagem de Deus para a Psicologia Analítica é realizada, além do detalhamento de como foi feita a aplicação dos desenhos e inquérito e de que maneira estes foram analisados.

2. Desenvolvimento Infantil

Para a Psicologia Analítica, a criança ao nascer se encontra em um estado completamente inconsciente que se estende aproximadamente até o primeiro ano de vida. A consciência e o ego vão se construindo aos poucos com o passar do tempo, através das relações estabelecidas e da maturação biológica.

Nesse estado inconsciente que a criança se encontra ao nascer existe uma indiferenciação entre ela e os outros. A psique da criança não tem diferenciação alguma entre o que é dela e o que está fora dela (NEUMANN, 2008). Jung (1983) afirma que para a criança em seus primeiros anos de vida “... *tudo o que existe são acontecimentos ou ocorrências, que tanto podem pertencer a mim [criança] como a qualquer outro*” (p. 45). Ou seja, a criança não consegue discriminar o que faz parte dela e o que faz parte do mundo, ela ainda não tem um centro de consciência que conseguiria estabelecer essa discriminação. Dessa maneira, os processos psíquicos “... *não estão ligados a nenhum “eu”, não tem um centro e por isso carecem de continuidade, sem a qual é impossível a consciência*” (p. 55).

Neumann (1995) nomeia essa primeira fase da criança como fase primal, ou também de uma fase embrionária pós-uterina, onde a criança se encontra completamente submersa no inconsciente e sua relação com sua mãe é de grande importância para seu desenvolvimento psíquico posterior. Segundo ele “*a relação primal é o fundamento de todos os relacionamentos, dependências e relações subseqüentes*” (NEUMANN, 1995, p. 16).

Neumann (2008) escreve sobre o desenvolvimento psíquico e o separa em estágios, pensando tais estágios como arquetípicos e os mesmos que a humanidade passou. Assim, define esse primeiro estágio do desenvolvimento psíquico humano de indiferenciação como urobórico. Nesse estágio “... *o ego ainda é germinal e a consciência não se desenvolveu em sistema*” (p. 201). Este mesmo autor diz também que a consciência vai despontando aos poucos do inconsciente, em um movimento de vai e volta: “*inicialmente, a consciência, com seus respectivos conteúdos, surge à maneira de uma ilha e logo torna a mergulhar na inconsciência, isto é, não há continuidade de consciência*” (p. 201). Edinger

(1992) discute como nessa primeira fase de indiferenciação o ego que está para se estabelecer se encontra completamente mergulhado e identificado com o Self ou Si-mesmo (arquétipo da totalidade que rege toda nossa vida psíquica): “O Si-mesmo nasce, mas o ego é construído (p. 27)”. Dessa maneira, a criança se “sente” como uma divindade. Não que ela já tenha a capacidade de sentir porque ainda não há consciência para tal, mas todos os seus comportamentos vão em direção desse “sentimento” de divindade. Vemos isso claramente nos comportamentos do bebê, onde tudo no mundo está a serviço dele, ele lê o mundo como sua extensão. E esse estado de divindade se faz presente na lembrança por toda a vida:

“Esse é o estado original de unidade e perfeição inconscientes, responsável pela nostalgia que todos sentimos com relação às nossas próprias origens, tanto pessoal quanto historicamente.” (EDINGER, 1992, p. 27).

A criança em seus primeiros anos é uma extensão do corpo da mãe e um pouco mais tarde, do corpo do pai. De modo semelhante, a psique infantil também se encontra como uma extensão do psiquismo de seus pais. Sendo assim, a criança imersa nesse estado inconsciente é tocada muito facilmente pelo inconsciente dos pais. Os conteúdos inconscientes dos pais afetam a criança de tal maneira, que estas reagem a tais conteúdos. O que é passado para os filhos não são apenas os conteúdos conscientes, mas também com grande importância os conteúdos inconscientes dos pais influenciam a psique da criança, e também seu desenvolvimento (JUNG, 1983). Como todos os conteúdos inconscientes, tais conteúdos dos pais não estão em sua consciência e eles vão ser transmitidos aos filhos. Para Jung (1983) então “...o fator que atua psiquicamente de um modo mais intenso sobre a criança é a vida que os pais ou antepassados não viveram...” (p. 47). Esse fato pode ser visivelmente verificado através dos sonhos infantis, onde os conteúdos são mais ligados aos pais do que a própria criança. Neumann (1995) vai além e diz que o Self da criança na fase primal está dividido em dois: o Self corporal, contido na própria criança e também o Self da criança que nessa fase está contido na sua mãe.

“Por um lado, existe o Self Corporal da criança, determinado pela espécie e emergente em simultaneidade com a totalidade corporal individual; por outro lado, a mãe, na relação primal, não apenas desempenha o papel de Self da criança, mas é na realidade esse Self.” (p. 13)

Ainda segundo Neumann, para a criança a mãe é Self, ‘tu’ e mundo; ou seja, é a partir da relação com a mãe que a criança vai percebendo a existência do mundo e do outro, e assim aos poucos vai desenvolvendo o ego que vai ter a capacidade de fazer tal discriminação.

É importante ressaltar também que não são apenas os pais a causa de grande influência na vida psíquica dos filhos, e sim toda a árvore genealógica. Segundo Jung (1983) é “... *essa ascendência genealógica que determina a individualidade da criança de maneira mais eficiente do que propriamente os pais imediatos...*” (p. 48). A individualidade da criança, portanto não se dá apenas através dos pais, pelo contrário, se estabelece por toda sua história ascendente.

É a partir dos pais que a criança vai estabelecer o contato com o mundo que a cerca, e eles serão as primeiras pessoas a estabelecer essa porta de entrada para a criança.

“A criança nasce, então, em estado precário do ponto de vista da possibilidade de sobrevivência, precisando encontrar em seu ambiente um interlocutor da mesma espécie que a contenha, cuide, e que estabeleça um relacionamento de apego significativo, sem o que não consegue sequer sobreviver. Passamos a vida em busca de interlocução, de alguém que, como na infância, dê significado à nossa existência. No começo este interlocutor é a mãe ou seu substituto” (RIOS, 2008, p. 42).

Portanto o mundo social no qual a criança está inserida é muito importante, sem este ela não conseguiria se desenvolver no sentido de compartilhar esse mesmo mundo social. Este contexto no qual ela está inserida vai então determinar como ela se relaciona com o mundo e permitir um desenvolvimento psíquico que a permita se relacionar com o mundo exterior. Esse relacionamento com o mundo exterior só é possível com o desenvolvimento do ego. O ego se desenvolve

internalizando objetos externos através da experiência que a criança tem com o mundo.

“ ... o desenvolvimento psíquico depende da complexa relação que se estabelece entre a criança e seus cuidadores, e com seu ambiente, a partir do qual objetos externos vão sendo internalizados e transformados pela ação da criança, processo este sempre modulado por tendências arquetípicas determinadas naquele indivíduo que se desenvolve.”
(RIOS, 2008, p.43)

Nesse estágio de desenvolvimento as experiências sensoriais são de grande importância para a criança. É através do corpo que ela consegue aos poucos ir discriminando o que é dela e o que é do mundo.

“Uma das dificuldades essenciais no desenvolvimento da criança, consiste no fato de o ego precisar ir se instalando gradualmente no corpo único, próprio, individual da criança. Este processo, que caminha lado a lado com o desenvolvimento do ego da criança, é responsável pela extraordinária importância de toda a experiência corporal na primeira fase da infância.”
(NEUMANN, 1995, p. 26)

A diferenciação que ocorre na criança com o surgimento do “eu” é estabelecida e refletida pela linguagem. A linguagem então vai ocupar o lugar de destaque na consciência enquanto os conteúdos antes indiferenciados se estabelecem no inconsciente.

Para Neumann (1995) a criança ao final da fase primal tem seu “verdadeiro nascimento”, ou seja, só nesse momento ela tem seu próprio ego e consegue se diferenciar do resto das coisas. É nesse estágio que a criança adquire completamente seu Self. O Self Corporal e o Self presente na mãe tornam-se um que vai ficando cada vez mais inconsciente, mas sempre ligado ao ego no eixo ego-Self.

“Ao longo do desenvolvimento da criança, o Self encarnado na mãe da relação primal... deve gradualmente deslocar-se para o interior da criança. [...] A criança então se torna aberta para outras relações, torna-se um ego apto para o confronto com

um 'tu' tanto interna como externamente. Só aí... a criança deixa de ser apenas um Self Corporal e transforma-se em uma totalidade individual, detentora de um Self completo e aberta para relacionamentos” (NEUMANN, 1995, p.17)

Os arquétipos do inconsciente coletivo também se mostram presentes na criança, já que ela nasce imersa em um estado indiferenciado de inconsciência. Segundo Jung (1983), vemos isso claramente em sonhos de crianças, onde estes são carregados de conteúdos mitológicos, ou seja, são imagens vindas diretamente do coletivo inconsciente da humanidade, sem representar o pessoal da vida daquela criança. Dessa maneira, “ *a alma inconsciente da criança possui uma extensão incalculável e, da mesma forma, uma idade incalculável*” (Jung, 1983, p. 49). Essa parte inconsciente da criança faz com que ela muitas vezes se preocupe com coisas não referentes à sua idade e, apesar de sua manifestação direta “sumir” quase que completamente, ainda deixa resquícios até a idade adulta.

Edinger (1992) discute a relação ego-Self (eixo ego-Self) e é através desse eixo que conteúdos inconscientes chegam à consciência. Ele afirma que o bebê em seu estado psíquico primordial está mergulhado na totalidade do arquétipo Self. Com o desenvolvimento do ego, vai havendo uma separação progressiva entre o ego e o Self, pela diferenciação dos conteúdos conscientes e inconscientes, mas a relação entre eles se mantém por toda a vida, sendo ela essencial para a integridade do ego e, portanto de uma vida psíquica saudável.

O ego então vai se formando aos poucos, formando um complexo consciente, o próprio eu. Depois da diferenciação entre consciência e inconsciência, o desenvolvimento psíquico se dá principalmente no sentido de fortalecimento do ego. O ego se estabelece até a metade da vida, não parando apenas na infância com o surgimento da linguagem. Na primeira metade da vida estamos voltados para o mundo exterior, e dessa maneira estamos desenvolvendo nosso ego, que é a forma de lidarmos com esse mundo.

Para Neumann (2008), é no estágio posterior ao urobórico que o ego começa a se estabelecer, começando a haver uma diferenciação por parte do

bebê entre o que é ele e o que é o outro. Essa transição “*se caracteriza pelo desenvolvimento adicional do ego e pelo fortalecimento do sistema da consciência...*” (p. 220). Nesse estágio Neumann afirma que há uma tendência a controvérsia:

“que, unindo, sistematizando e organizando, acentua a formação do ego e, desse modo, consegue também a sistematização dos conteúdos, inicialmente difusos, da consciência” (p. 228).

O inconsciente da criança então continua ativo apesar do desenvolvimento do complexo egóico, sendo preenchido ao longo da vida pelos conteúdos pessoais no inconsciente pessoal e também preenchido de imagens que vão montando a expressão dos arquétipos do inconsciente coletivo.

“O campo arquetípico, com o desenvolvimento cognitivo e a possibilidade de funcionar segundo novos padrões de comportamento e percepção de mundo, dentro do desenvolvimento simbólico da personalidade, vai sendo preenchido por imagens que, além de serem cada vez mais abstratas, passam a ser imagens coletivas, socialmente apreendidas” (RIOS, 2008, p.46).

O mundo interior, formado pelos conteúdos inconscientes tanto coletivos quanto pessoais, se faz presente em símbolos por toda a vida, como por exemplo os sonhos. Depois da metanóia, que geralmente ocorre na metade da vida, é que nos voltamos mais atentamente aos conteúdos inconscientes, com o objetivo de realizar uma maior integração entre o consciente e o inconsciente. Assim, nos reaproximamos do Self, ampliando a consciência a partir da elaboração de conteúdos inconscientes.

Apesar dessa gradativa separação entre consciente e inconsciente nesta primeira fase, a relação entre o ego (centro da consciência) e Self é mantida ao longo de toda a existência e é de vital importância para o bom funcionamento da psique. Quando essa ligação entre ego e Self é danificada, pode haver consequências negativas para o bom funcionamento psíquico.

Essa fase de indiferenciação entre consciente e inconsciente pode ser chamada também de fase mágica (NEUMANN, 2008). As crianças na fase mágica tem aproximadamente de 0 a 3 anos de idade. Após essa fase há uma fase de transição entre ela e a fase mental, onde a diferenciação entre consciente e inconsciente é muito marcada. Essa fase de transição é chamada de mitológica e se caracteriza por haver características tanto da fase mágica, como da mental. As crianças que se encontram na fase mitológica têm idades entre 3 e 8 anos aproximadamente, e da fase mental a partir dos 8.

Dessa maneira, as crianças de 8 anos, idade do participante desta pesquisa, se encontram no fim da fase mitológica. Estão em uma fase de estruturação do ego, e estão completamente voltadas para o mundo exterior. Os pais têm grande importância e influência em todos os aspectos da vida da criança nessa faixa etária. O ego ainda está se estruturando, e é influenciado facilmente pela ligação com o Self. Uma das maneiras de sua expressão, como todos os conteúdos inconscientes, é a projeção.

Edinger (1992) afirma que uma das maneiras de expressão do Self na infância é de projeção, primeiramente na mãe, e depois em ambos os pais.

“... o si-mesmo é inevitavelmente experimentado, no início, numa projeção que tem como alvo os pais. Portanto, a fase inicial do eixo ego-Si-mesmo em desenvolvimento pode ser idêntica ao relacionamento entre pais e filhos” (p. 68).

Edinger (1992) continua afirmando que na infância o eixo ego-Self ainda é frágil e vulnerável. Dessa maneira, pode ocorrer que uma rejeição parental seja absorvida pela criança como uma rejeição ao seu próprio Self, devido à projeção feita nos pais. E esse sentimento de rejeição pode danificar a relação ego-Self, gerando uma alienação do ego em relação ao Self. Produz um sentimento de falta de auto-aceitação que pode perdurar por toda a vida.

Dessa maneira não só a relação com os pais é muito importante para um desenvolvimento psíquico saudável como também a relação ego-Self é essencial. Segundo Edinger (1992) o Self como totalidade aceita e abarca todos os

elementos da vida psíquica, e sendo assim o ego ao se sentir aceito pelo Self fica mais forte e estável, ou seja, mais saudável.

Como já foi dito a consciência vai se desenvolvendo aos poucos por toda a nossa vida, não apenas na infância. Segundo Edinger (1992) o desenvolvimento psíquico é um processo cíclico:

“... o crescimento psíquico envolve uma série de atos inflados ou heróicos. Esses atos provocam a rejeição e são seguidos de alienação, do arrependimento, da restituição e de uma inflação renovada. Esse processo cíclico se repete várias vezes nas primeiras fases do desenvolvimento psicológico e cada ciclo produz um incremento da consciência. Assim, a consciência vai sendo construída aos poucos” (EDINGER, 1972, p.70).

Neumann (2008) afirma que depois do surgimento do ego passamos por um período de ego-centração que vai até a puberdade, mas o ego em si não tem consciência desse funcionamento. É possível sair desse funcionamento ao obter consciência dele, indo no caminho do processo de individuação. Esse autor ainda afirma que durante os primeiros dezesseis anos “*o retardamento da maturidade e a dependência do indivíduo diante do grupo social...*” (p. 283) são características típicas humanas. Esse desenvolvimento prolongado da espécie humana foi e é essencial para a transmissão da cultura e do desenvolvimento mental que a humanidade chegou.

Até a puberdade a criança se volta quase que exclusivamente à educação cultural, absorvendo os valores da sociedade em que vive e diferenciando sua consciência. A criança de 8 anos está inserida nessa fase e está localizada no desenvolvimento entre duas crises decisivas, segundo Neumann (2008). Essas duas crises ocorrem a primeira entre 3 e 5 anos de idade, e a segunda na puberdade. Neumann descreve essas duas crises:

“A primeira crise se caracteriza pelo encontro com o problema dos Primeiros Pais e pela formação do ego. Ocorre entre os três e os cinco anos, tendo a psicanálise nos familiarizado com certas partes e formas desse conflito, por ela denominada Complexo de Édipo. A segunda crise é a puberdade, na qual a luta com o dragão tem que ser travada, uma vez mais,

num nível novo. Nesse fase, a formação do ego é fixado em definitivo...” (p. 284)

As crianças de 8 anos se encontram na fase escolar; é quando sua maturidade biológica permite o aprendizado da leitura, da escrita e da matemática. É inaugurada uma fase nova na vida dessa criança, já que se encontra na passagem da fase mitológica para a fase mental. A fase mágica pode ser chamada também de urobórica, é a fase de indiferenciação entre consciente e inconsciente. Já a fase mental, na qual a criança de idade escolar se encontra quase que completamente, é a fase que existe a diferenciação consciente e inconsciente, e dessa maneira é marcada pela lógica e organização (NEUMANN, 2008).

Segundo Von Franz (2008) as crianças dessa idade por estarem entrando em uma nova fase sofrem, sendo este período marcado por muitos questionamentos e um sentido de singularidade:

“As imperfeições do mundo e o mal que existe dentro e fora de nós, tornam-se problemas conscientes; a criança precisa enfrentar impulsos interiores prementes (e ainda não compreendidos) além das exigências do mundo exterior” (p.218).

Dessa maneira, as crianças de 8 anos se encontram em uma fase na qual estão muito ligadas aos pais, sendo eles ainda a fonte de projeção do Self dessas crianças. Além disso, com o ego suficientemente estabelecido se encontram na idade escolar, onde a vida social vai adquirindo cada vez mais importância, com esse processo culminando na adolescência, onde a vida social tem papel fundamental para o indivíduo. É nessa fase também que as crianças vão tomando consciência de muitas coisas e ela é marcada pelo grande aprendizado, caracterizado pela habilidade da leitura, da escrita e da matemática.

Sendo assim, nesta pesquisa o foco é investigar como as crianças imaginam a imagem de Deus, pois esta é uma representação do Self.

Como parte essencial deste trabalho no próximo capítulo o conceito do arquétipo do Self e sua correlação com a imagem de Deus é apresentado, para que haja uma melhor compreensão do tema proposto.

3. Self e Imagem de Deus

Para a Psicologia Analítica a psique humana é dividida em consciente e inconsciente. Como visto no capítulo do desenvolvimento psíquico infantil, a criança nasce em um estado completamente inconsciente e aos poucos vai estabelecendo a consciência com o surgimento do ego. É através do ego que o homem se relaciona com o mundo, o ego é o centro da consciência.

O inconsciente contém conteúdos inacessíveis à consciência e ao ego, e ele é dividido em duas partes: a do inconsciente pessoal e a do inconsciente coletivo. O inconsciente pessoal é onde residem conteúdos que se referem apenas à história daquela pessoa. Já no inconsciente coletivo residem os arquétipos. Os arquétipos são potencialidades comuns a toda humanidade que se expressam em imagens e aparecem para a consciência ao longo da vida através de símbolos, apesar de geralmente não serem reconhecidos como tal.

“[Os arquétipos] São as formas pictóricas dos instintos, uma vez que o inconsciente se revela à mente inconsciente em imagens que, tal como nos sonhos e fantasias, dão início ao processo de reação e assimilação conscientes.” (NEUMANN, 2008, p. 13)

Os símbolos são caracterizados pela junção da consciência e inconsciência, ou seja, o ego consegue assimilá-los, mas não todo o seu conteúdo e significado, que são inconscientes. A criação de símbolos é inerente a todos os homens (RIOS, 2008). Um exemplo clássico de como os símbolos se expressam e aparecem são os sonhos, onde é possível apreender seus conteúdos, sua história, imagens, mas nem sempre percebemos todo o significado inconsciente inerente a ele. Quando conseguimos perceber e interpretar os conteúdos inconscientes do símbolo, tais conteúdos são conscientizados, ou seja, passam para a consciência, havendo uma ampliação desta. É através dos símbolos que temos acesso aos arquétipos.

O arquétipo do Self é o arquétipo da totalidade e é também chamado de Si-mesmo. É este arquétipo que rege toda a vida psíquica, incluindo consciente e inconsciente: “*O si-mesmo é o centro ordenador e unificador da psique total*

(consciente e inconsciente), assim como o ego é o centro da personalidade consciente". (EDINGER, 1992, p. 22). Como centro ordenador da psique, símbolos do Self aparecem ao longo da vida revelando a conjunção psíquica atual dessa pessoa.

Ao nascermos estamos completamente imersos no Self, mas com o desenvolvimento da criança o ego e o Self vão se afastando progressivamente, já que nessa época da vida o objetivo é fortalecer o ego através das relações exteriores. Ao nos aproximarmos da metanóia, nos voltamos aos nossos conteúdos internos e também inconscientes, havendo uma reaproximação do ego com o Self. Esse processo que tem como objetivo a ampliação da consciência é chamado de processo de individuação.

“... a função da etapa que antecede a idade adulta envolve o desenvolvimento do ego, com a separação progressiva entre o ego e o si-mesmo, ao passo que a idade adulta requer uma rendição – ou pelo menos uma relativização – do ego em sua experiência do si-mesmo e na relação que mantém com esse último”. (EDINGER, 1992, p. 23)

Um dos mecanismos mais comuns ao funcionamento da psique humana é a projeção. A projeção constitui em colocarmos conteúdos nossos inconscientes em objetos exteriores.

“... exteriorização ou projeção de partes da psique individual no mundo exterior. Numa tal condição, a pessoa encontra seus amigos e inimigos, esperanças e temores, fontes de apoio e ameaças de fracasso concretizadas em pessoas, objetos e eventos externos” (EDINGER, 1992, p. 236).

Com o Self não é diferente e, portanto o projetamos em diferentes objetos externos. Para que haja uma projeção além do movimento da psique da pessoa é também necessário que haja um “gancho” que faça a conexão entre o conteúdo projetado e o alvo da projeção. Dessa maneira, os alvos de projeção do Self contêm determinadas características que promovem tal projeção, sendo que uma dessas é a de integração:

“Evidentemente, o que faz alguma imagem ser símbolo do Self ou de qualquer outro arquétipo, é a experiência pessoal, o significado daquela imagem no que ela carrega de potencial de crescimento ou integração para aquele indivíduo em particular.” (SAMUELS, 1989, p.120)

As crianças até a puberdade projetam o Self nos pais, atribuindo-lhes características de grande poder e conhecimento: *“Os pais são, inicialmente, os principais portadores de projeção, e os filhos pequenos projetam neles, inconscientemente, onipotência e onisciência”* (STEIN, 2006, p.161). Essas características de onipotência e onisciência são tipicamente relacionadas ao arquétipo do Self.

Segundo Silveira (1992) a estrutura básica do Self é quaternária abrangendo pares de opostos: *“... luz-sombra, masculino-feminino, ou sítio em outras palavras, bem-mal, espiritual-material ou ctônico”* (p. 164). Pela abrangência das características do Self e a noção de totalidade que carrega, a projeção do Self sempre vai carregar grande importância. Os alvos das projeções do Self vão conter as características inerentes a esse arquétipo, como totalidade, grande poder e conhecimento, criatividade, ordenação, ou seja, características grandiosas. A experiência do contato com esses alvos, ou símbolos do Self, também contém essa grande importância para a pessoa que está projetando essas características e muitas vezes, essa experiência do contato com o Self é chamada de uma experiência numinosa, com um efeito arrebatador sobre o ego desta pessoa. Ao longo da vida, as projeções do Self tomam diferentes alvos, sendo que estes sempre vão conter as características do Self:

“Temas como a unidade, a totalidade, a união dos opostos, o ponto gerador central, o centro do mundo, o eixo do universo, o ponto criativo onde Deus e o homem se encontram, o ponto em que as energias transpessoais fluem para a vida pessoal, a eternidade...” (EDINGER, 1992, p.22)

3.1) Símbolos do Self

Como o Self é apreendido pela consciência como maior que o ego, detentor de grande poder e que abarca a totalidade, símbolos comuns desse arquétipo estão ligados à religião. Deus, portanto, carrega essa projeção do Self na sociedade ocidental. Outras figuras religiosas, como Buda e Cristo também carregam essa projeção.

“O Self simboliza a infinidade do arquétipo, e qualquer coisa que um homem postule ou conceba como sendo uma totalidade maior que ele próprio pode se tornar um símbolo do Self – Cristo ou Buda, por exemplo.” (RIOS, 2008, p. 22)

Na cultura ocidental judaico-cristã as projeções do Self em figuras religiosas se detém principalmente nas figuras de Deus e Cristo. Deus carrega essa projeção por ser reconhecido como detentor de onipotência, conhecimento, onipresença, estando em todos os lugares, sabendo de tudo, abarcando uma totalidade; indo além dos homens, sendo o destino destes estando na mão de Deus. “... *não podemos distinguir os seus símbolos [do Self] da Imago Dei (imagem de Deus). Tudo o que se diz sobre a imagem de Deus pode ser aplicado sem nenhuma dificuldade aos símbolos da totalidade*” (JUNG, 1976, p.30).

Cristo, como filho de Deus, é a junção do homem com o divino, ele concilia esses dois opostos, da matéria humana e da divindade. Apesar dessas diferenciações Deus e Cristo são compreendidos psicologicamente da mesma forma:

“...Cristo e Deus são ontologicamente da mesma substância e dogmaticamente reconhecidos como participantes equivalentes da Trindade, juntamente com o Espírito Santo, não podendo, psicologicamente, ser compreendidos um como símbolo do outro, mas todos como símbolo daquilo que transcende a humanidade comum.” (RIOS, 2008, p.25)

Rios (2008) faz uma analogia entre Deus/Cristo e Self/Ego. Ela compara a presença de Deus em Cristo – Deus estando sempre presente em Cristo, e este

ao longo de sua vida terrena indo constantemente em direção a Deus – com a presença constante do Self nas consciências humanas, percebido como uma totalidade que se vai em direção pelo processo de individuação e que rege e abarca toda a psique.

Jung (1976) discute Cristo como representante do Self. Apesar disso afirma que não é uma totalidade já que exclui uma outra parte, sendo esta a do Anticristo, simbolizado como o mal. Cristo é visto como essencialmente bom e características maléficas são contidas no Anticristo. Cristo e Anticristo são as duas metades da totalidade. Dessa maneira, o Anticristo seria o símbolo da sombra, conteúdos não aceitos ou reconhecidos pela consciência como parte da psique. Mas, apesar de não serem reconhecidos, tais conteúdos existem e se manifestam ao longo da vida, exatamente como a presença do Anticristo e suas manifestações são reconhecidas pelos cristãos.

Outra analogia é feita por Jung (1976) da psique humana com Deus e Cristo. Cristo representa a individualidade, a encarnação da divindade em homem e dessa maneira simboliza o Self que é expresso em cada um de nós e que governa individualmente o processo de individuação de cada um de nós. Já Deus seria a representação da universalidade e eternidade, seria então psicologicamente o Self arquetípico, universal aos homens. E assim como Deus sempre esteve presente em Cristo, e nele sendo parte dessa individualidade, o arquétipo do Self regula a vida psíquica de cada um apesar de ser universal. Não há como fazer uma distinção clara entre as duas instâncias psíquicas como também não é possível fazer tal distinção entre Deus e Cristo.

Além das figuras religiosas mencionadas acima como símbolos do Self, outras figuras são também conhecidas pela Psicologia Analítica como representantes do Self.

A mandala é um dos símbolos mais conhecidos e discutidos como representação do Self. Segundo Dibo (2007), a palavra mandala provém de uma palavra em sânscrito que significa “círculo mágico”. Desenhos de mandala são achados em diversas partes do mundo em diferentes culturas e também em diferentes tempos.

“[A mandala] É uma figura geométrica em que o círculo está circunscrito em um quadrado ou o quadrado em um círculo, possui também subdivisões mais ou menos regulares, dividido por quatro ou múltiplos de quatro, que se irradiam de um centro ou se movem em direção a este centro.” (DIBO, 2007, p. 50)

É possível afirmar que a mandala é um símbolo do Self porque ela em sua estrutura contém um centro unificador de outros elementos e também apresenta uma estrutura básica quaternária. O Self tem papel importante na vida psíquica porque é o centro ordenador da psique, e em nossas vidas individuais caminhamos a ele pelo processo de individuação. A estrutura quaternária aparece como característica do Self também porque o número quatro representa a totalidade.

O desenho de mandalas foi interpretado por Jung como organizador da psique. Ao desenhar mandalas a pessoa está representando sua psique e conseqüentemente o seu Self, e com esta expressão temos um símbolo da psique daquela pessoa, onde dois elementos estão juntos – a representação dessa psique individual inserida dentro da estrutura da mandala, representando a psique coletiva (Self). Dessa maneira, a mandala contém conteúdos conscientes e inconscientes, e pela expressão desses conteúdos inconscientes que se dá o efeito organizador do desenho de mandalas.

“É esta idéia de harmonia e equilíbrio, governando forças opostas, mas complementares, que ajudam o indivíduo a evitar a ocorrência de doenças e, portanto, restaurar a saúde física, mental e espiritual. Dessa maneira, Jung afirma que a mandala, como aparece nos desenhos de seus pacientes, é a própria expressão do símbolo e também produz um efeito unificador.” (DIBO, 2007, p. 56)

Outro símbolo muito comum do Self é o círculo. O círculo “...expressa a totalidade da psique em todos os seus aspectos...” (JAFFÉ, 2008, p. 323). O círculo é constituição básica das mandalas descritas acima, ele também se mostra presente em outros símbolos importantes como o Sol, a Cruz (na intersecção o centro do círculo) entre outros.

O quadrado também é visto como símbolo do Self, os quatro ângulos representam a quaternidade, que é vista como totalidade. O quadrado também está presente nas mandalas.

Tanto o quadrado quanto o círculo são símbolos da totalidade e do Self, e geometricamente um pode ser circunscrito no outro. Mas, apesar disso, Jaffé (2008) afirma que o círculo é um símbolo da psique, já o quadrado simboliza a matéria, o terreno. Dessa maneira, a mandala que abarca ambos seria mais autenticamente o símbolo do Self. Jaffé (2008) continua e afirma que:

“Na maior parte das obras da arte moderna, a conexão entre essas duas formas primárias ou não existe ou é absolutamente livre e acidental. Essa separação é outra expressão simbólica do estado psíquico do homem do século XX...” (p. 334).

A autora com essa afirmação está discutindo como o homem do século XX separa totalmente psique da matéria, há fortemente marcado a dicotomia psique e corpo, e antigamente não havia tal separação. Com essa separação ela alerta que o homem atual corre riscos de uma dissociação, já que tudo está ligado e integrado e não é saudável essa dicotomia.

Outro símbolo de totalidade e, portanto, união de opostos, são dois triângulos interpenetrados. Essa figura carrega aparece em diferentes culturas, a vemos, por exemplo, na estrela de Lucas, símbolo do judaísmo; nos iantras, que são imagens da meditação oriental, representando a união de divindades masculinas e femininas.

“Os dois triângulos interpenetrados têm um significado simbólico semelhante ao da mandala circular mais comum: representam a unidade e a totalidade da psique – ou self – de que fazem parte tanto o consciente quanto o inconsciente” (JAFFÉ, 2008, p. 324).

Com esse capítulo foi possível discutir o arquétipo do Self e suas representações mais comuns. Através dele e do capítulo sobre o desenvolvimento infantil é possível ter as referências teóricas necessárias para a compreensão do desenho de Deus como um símbolo do Self.

4. Método

O desenho de Deus como método foi baseado na dissertação de Rios (2008). Além disso, para esta pesquisa, foi acrescentado um desenho livre após o de Deus, um inquérito com a criança e uma pequena entrevista com os pais. O desenho foi escolhido porque, sendo Deus um conceito tão abstrato, poderia ser limitado com a comunicação verbal, então o desenho que é mais livre e carrega projeções é mais adequado para tal proposta. A opção por um desenho livre veio de uma hipótese de que o desenho de Deus poderia suscitar no desenho livre uma outra expressão do arquétipo Self, e dessa maneira, ter relação com o primeiro desenho de Deus. Além disso, segundo Rios (2008), os desenhos facilitam a expressão das crianças por fazerem parte do seu cotidiano e dessa maneira não provocam um estranhamento. Também foi escolhido um inquérito com a criança sobre o desenho para que ela pudesse me fornecer mais informações sobre o seu desenho e seu conceito de Deus. A pequena entrevista com os pais foi realizada para que houvesse mais informações a respeito do contexto religioso da criança.

Participante: A pesquisa foi qualitativa com 1 participante de 8 anos de idade do sexo masculino. Ele foi escolhido por conveniência do pesquisador através de amigos, e foi contatado por telefone.

A escolha que a faixa etária da criança fosse de 8 anos de idade se deu porque as crianças nessa faixa etária se encontram em uma fase de transição chamada de mitológica, quase que se estabelecendo na fase mental (NEUMANN, 2008). Essa faixa etária não foi estudada por Rios (2008), e foi considerado importante que fosse investigado como é a imagem de Deus para essas crianças, porque tal imagem carrega tanto elementos de seu ambiente como elementos do inconsciente coletivo – Deus como representação do Self.

Não era necessário que a criança estivesse inserida em algum contexto religioso específico para participar da pesquisa. Além disso, a criança foi escolhida pela disponibilidade para a pesquisa (autorização dos pais; em anexo I).

Procedimento para a coleta de dados: Foi solicitado à criança que primeiramente desenhasse a imagem de Deus e depois um desenho livre. Posteriormente, foi feito um inquérito após os desenhos com a criança (Anexo II). Também foi realizada a pequena entrevista com o pai da criança (Anexo II). O material gráfico disponível eram folha sulfite, lápis grafite, lápis de cor, borracha e apontador.

Procedimentos para a análise dos resultados: A análise dos resultados foi dividida em duas partes. A primeira parte se constitui na análise do desenho através de categorias definidas por Rios (2008):

1. Fenômeno: à forma de representação de Deus enquanto manifestação.
 - como figura humana inteira;
 - como figura humana parcial;
 - como objeto simbólico (imagens que remetem a Deus, como cruz, hóstia, animais etc.);
 - como natureza (como luz, sol, vento). Aqui estão incluídas também respostas de totalidade.

2. Localização no contexto do desenho:
 - sem contexto;
 - com contexto: 3 categorias:
 - Deus está no cosmos, distante da Terra;
 - Deus está no céu (junto com sol, nuvens, aviões)
 - Deus está na superfície da Terra.

3. Atributos de Deus:

- ausência de atributos;
- presença de atributos: 2 categorias:
 - Físicos e culturais:
 - Aparência: figura masculina, cabelos longos, barba, túnica, sandália e coroa de espinhos.
 - Animais: cordeiro, peixe, pomba e asas.
 - Vegetais: árvores e maçã.
 - Fenômenos no céu: arco-íris, estrela, estrela de Belém, nuvem.
 - Objetos: Bandeira, Bíblia, cruz.
 - Outros: Igreja, caminho, prisão.
 - Metafísicos:
 - Opostos: androginia.
 - Emanações: luz e força.
 - Coração exposto.
 - Trindade e demônio.

4. Atividade de Deus:

- criador;
- protetor: 3 categorias:
 - cuidador;
 - milagroso;
 - abençoador.
- lúdico (Deus está brincando, divertindo-se, passeando, voando);
- organizador (Deus está exercendo atividades que dizem respeito ao estabelecimento de alguma ordem);
- sofredor (Deus está manifestando sofrimento);
- punitivo.

A segunda parte se constitui em uma análise simbólica dos desenhos. Os desenhos foram analisados pela ótica da psicologia analítica e do método de amplificação simbólica:

“Dentro da linha teórica junguiana, uma forma de compreensão do símbolo é sua amplificação, método pelo qual se compara os significados individuais com os coletivos, de diferentes culturas ao longo de sua história. A hipótese que fundamenta a amplificação simbólica é a do inconsciente coletivo...” (RIOS, 2008, p.90-91)

Cuidados éticos: Todas as normas da resolução 196/96 do Ministério da Saúde relativas à pesquisa que envolve sujeitos humanos, foram cuidadosamente discutidas e seguidas. (Anexo III). Pelo sigilo o nome do participante foi alterado e nesta pesquisa um apelido foi utilizado para se referir a ele.

5. Resultados

Os desenhos, o inquérito e a entrevista com o pai se encontram em Anexo.

Lucas tem 8 anos, é do sexo masculino, e os desenhos e o inquérito foram realizados em sua casa. Foi pedido a ele que desenhasse Deus em uma folha em branco. Ele ficou um pouco em dúvida como fazer Deus, mas logo começou a desenhá-lo. Ele não se mostrou satisfeito com o pedido de desenhar Deus, e o fez com lápis grafite rapidamente, mas com capricho. Disse que não sabia como desenhar Deus e que Ele tinha ficado pequeno na folha em branco. Seu desenho de Deus mostra Deus como uma figura masculina, jovial, com barba, cabelos curtos, vestindo calças e de sapatos. Deus parece sério, tem asas e está de braços cruzados sobre uma nuvem, sendo que a nuvem foi desenhada posteriormente. O desenho está centralizado na folha.

Depois do desenho de Deus, foi solicitado a Lucas que desenhasse o que quisesse em outra folha. Neste ele começou desenhando uma pequena folha e à partir dela foi desenhando outras coisas, sendo que o próximo sempre tinha ligação com o anterior (folha – flor – trevo – árvore – fruta com um bicho – bicho da fruta – pássaro – ninho – ovos – omelete – frigideira – fogão – fogo – água – peixe – mar – pôr-do-sol – sol – universo – galáxia – estrela – estrela cadente – cometas – buraco negro – disco voador – extraterrestre – telefone – casa – rua – chão – carro – pessoa – cachorro). Ao todo ele desenhou 33 coisas, sendo que o último desenho voltou ao primeiro. Depois escreveu ‘pensar’ no meio do círculo e desenhou um rosto pensativo. Neste desenho ele se mostrou muito empolgado e ia verbalizando o que estava desenhando. Quando perguntei se ele tinha acabado ele olhou para o desenho de Deus e acrescentou uma nuvem. Em ambos os desenhos ele se utilizou apenas do lápis grafite e da borracha.

Após ele ter realizado os desenhos foi feito o inquérito. No inquérito Lucas deu respostas sucintas e rápidas, sem muita reflexão a respeito delas. Ele respondeu que Deus não estava fazendo nada no desenho. Disse que Deus é bondoso e ajuda todo mundo e desperta nele alegria e felicidade. Disse que Deus

gosta que ele faça tudo certo e não gosta que ele engane as pessoas e de mentiras.

Na entrevista, o pai de Lucas afirmou que acredita em Deus e pertence à religião católica apesar de freqüentar muito pouco a igreja. Disse que fala pouco com o filho sobre religião mas o ensina a rezar. Afirmou também que a mãe de Lucas é católica como ele (os pais de Lucas são separados). Durante a entrevista o pai de Lucas se mostrou muito solícito e simpático e além das perguntas afirmou que acha importante ensinar o filho sobre Deus e religião.

6. Análise

6.1) Categorias de análise de Rios (2008) para o desenho de Deus (Anexo IV):

Algumas categorias de análise propostas por Rios (2008) foram adotadas como uma das formas de análise para esta pesquisa porque através delas é possível ter uma melhor compreensão do desenho de Deus feito por Lucas. Sendo que o objetivo desta pesquisa é investigar o Self infantil, a utilização destas categorias para o desenho de Deus se fez necessária, já que para a Psicologia Analítica, Deus é um símbolo do arquétipo do Self, e dessa maneira ao analisar o desenho de Deus é possível ter uma melhor compreensão do Self. Essas categorias abrangem apenas o desenho de Deus, não o desenho livre. É importante também ressaltar que nem todas as categorias de Rios (2008) foram utilizadas nesta pesquisa, apenas quatro delas foram utilizadas porque cabiam melhor ao objetivo desta pesquisa.

6.1.1) Fenômeno:

O desenho de Deus está como figura humana inteira. Segundo Rios (2008) crianças menores tendem a desenhar Deus como figura humana inteira e essa tendência vai diminuindo ao longo dos anos. Deus representado como figura humana inteira remete à tradição cristã, onde Deus tem a figura humana; essa semelhança entre a figura de Deus e a do homem causa uma maior proximidade e menor estranhamento, já que sua figura é conhecida. Apesar disso, em ambos os desenhos Deus está com asas, o que diferencia Deus dos homens. Pode-se pensar que Lucas desenhou Deus como uma figura humana porque ele está inserido em um contexto católico, onde as representações de Deus o fazem como figura humana.

6.1.2) Localização no contexto do desenho:

O desenho de Deus tem a presença de contexto. Dentro dele o desenho de Lucas se encaixa na categoria de Deus que está no céu, já que ele desenhou Deus em uma nuvem. Em Rios (2008) quando há presença de contexto, a grande maioria dos sujeitos desenha Deus na superfície ou no céu. Deus no céu remete ao Pai-Nosso: *Pai-Nosso que estais no céu...* O céu e o estar no céu é algo que não faz parte dos seres humanos, estar no céu mostra a diferença do divino e do terreno.

6.1.3) Atributos de Deus:

Tem a presença de atributos físicos e culturais. Dentro deles o desenho de Lucas se encaixa na categoria de aparência. Deus é uma figura masculina, tem barba, asas, está de braços cruzados. No inquérito Lucas afirmou que Deus tem barba, é bondoso, ajuda todo mundo e é alto. Atribuir à figura de Deus o sexo masculino é uma atribuição tipicamente cristã. A barba também tem essa conotação do masculino, além de poder ser considerada como um sinal de virilidade e maturidade (RIOS, 2008). Os braços cruzados também representam uma maior maturidade e saber. As asas o diferenciam dos outros humanos, com asas é possível ascender, representa uma maior elevação espiritual.

6.1.4) Atividade de Deus:

Pelo desenho e o inquérito podemos encaixar o desenho de Lucas na categoria de Deus como protetor e cuidador. Lucas afirma que Deus ajuda todo mundo, gosta que ele faça as coisas certas e não gosta que engane as pessoas e da mentira. Na pesquisa de Rios (2008) as respostas mais freqüentes foram as de Deus lúdico, tal freqüência se dá pelo grande número de respostas desse tipo em crianças menores. Essas respostas tendem a diminuir com a idade. A segunda maior freqüência de respostas é de Deus protetor e cuidador, esse tipo de resposta tende a aumentar com a idade. Lucas se encaixa nessa categoria, onde Deus é visto como essencialmente bom e protetor. Essa visão oferece a quem tem essa visão sensação de confiança, segurança, estabilidade e continuidade (RIOS, 2008). Essa atribuição a Deus como protetor e cuidador tem um paralelo com a

projeção feita nos pais pelas crianças. As crianças tendem a projetar nos pais proteção e cuidado, características inerentes aos arquétipos relacionados à parentalidade, como o arquétipo da Grande Mãe. É possível pensar então que muitas vezes a projeção nos pais e em Deus carrega as mesmas características, e não apenas características relacionadas ao arquétipo do Self.

6.2) Amplificação simbólica:

6.2.1) Desenho de Deus (Anexo IV)

O desenho de Deus de Lucas apresenta muitos elementos simbólicos. Através dos desenhos de Lucas é possível fazer relações com a teoria apresentada nos capítulos anteriores, pensando Deus como uma imagem do Self. É nessa direção que a amplificação simbólica pretende analisar os desenhos.

O desenho de Lucas mostra Deus como um homem de barba, braços cruzados, cabelos curtos, asas, camiseta e calça em pé em uma nuvem. Representar Deus com barba é comum porque a representação de Deus dentro da tradição católica é de um homem com longas barbas. Também é muito comum a representação de Deus nas nuvens. Apesar disso, Lucas também desenhou Deus com elementos não usuais às representações católicas de Deus. Ele desenhou Deus com cabelos curtos, calças e asas.

A barba além de remeter à tradição cristã simboliza um maior saber, virilidade e maturidade (RIOS, 2008). Lucas ter desenhado Deus com barba é então esperado já que Deus é entendido como uma figura masculina, supremo e de muita sabedoria. Juntamente com a barba a representação católica de Deus o coloca com longos cabelos brancos. Longos cabelos brancos são símbolos de grande sabedoria, a cor branca dos cabelos reforça o aspecto da sabedoria pelos muitos anos de vida, sendo a sabedoria vinda da experiência. Sábios e magos são geralmente representados com longos cabelos brancos, que denotam exatamente grande saber e experiência. Lucas não desenhou Deus com longos cabelos

brancos, invés o desenhou com cabelos curtos e não preencheu a cor dos cabelos, o que poderia indicar que o representou com cabelos brancos. O cabelo curto em oposição a cabelos longos pode indicar que Lucas optou por representar Deus com uma figura mais próxima a ele. Hoje em dia cabelos longos em homens são pouco comuns, principalmente em pessoas mais velhas, como seria o caso de Deus. Como indica Rios (2008) crianças mais novas tendem a representar Deus como elas e fazendo atividades conhecidas para elas. Dessa maneira, podemos pensar que Lucas fez a mesma coisa que as crianças na pesquisa de Rios (2008). Deus de cabelos curtos é algo mais próximo de Lucas, e dessa maneira, se torna mais apreensível. Também podemos pensar que essa figura de Deus mais próxima é mais suscetível a projeções.

Como foi visto no capítulo 'Self e imagem de Deus', Deus é tipicamente alvo de projeções do Self, mas na idade de Lucas as projeções do Self ainda estão majoritariamente direcionadas aos pais. Assim, a imagem de Deus de uma criança vai carregar a projeção do Self, mas vai conter também elementos dos pais daquela criança. Isso acarreta em uma atribuição de características semelhantes pela criança a Deus e seus pais, já que ambos são alvos de projeção do Self. Isso se dá porque ambos são percebidos pela criança como detentores de grande poder e conhecimento, fazendo o 'gancho' para a projeção do Self. Dessa maneira pode-se ver tal fenômeno no desenho de Lucas, onde ele desenha Deus de cabelos curtos e calças, como seu pai, além de atribuir a Deus as características de protetor e cuidador, características tipicamente parentais.

A nuvem sob a qual Deus está também é um elemento comum na tradição católica. A nuvem mostra que Deus está no céu, como diz o Pai-Nosso: *"Pai-Nosso que estais céu..."*. Simbolicamente a nuvem representa uma separação, é algo nebuloso que separa dois mundos: o terreno e o celeste (CHEVALIER, 1990). Essa separação faz parte do conceito de Deus. Ele tem a aparência humana, mas apesar disso é diferente. Tal diferença é evidenciada pela morada de Deus: os céus, lugar onde humanos não chegam, é inalcançável, lugar reservado à divindade. O céu segundo Chevalier (1990) é a *"manifestação direta da transcendência, do poder, da perenidade, da sacralidade: aquilo que nenhum*

vivente da terra é capaz de alcançar” (p. 229). Pode-se pensar a nuvem como símbolo também do eixo ego-Self, sendo a consciência como aquilo que está abaixo das nuvens e o inconsciente como aquilo que está acima. A nuvem então seria a ligação entre essas duas instâncias, permitindo a comunicação entre elas e apenas um pequeno vislumbre pela consciência do que está acima, transcendente, inconsciente.

A figura desenhada de Deus por Lucas tem asas. Asas são símbolos de uma desmaterialização, segundo Chevalier (1990) *“na Bíblia, são símbolos constantes da espiritualidade, ou da espiritualização...”* (p. 90). Com isso podemos pensar que apesar de Deus geralmente não ser representado com asas, as asas remetem a alguém mais espiritualizado, as asas remetem a uma maior elevação. Assim asas também podem ser pensadas como símbolo da divindade. Além disso, asas geralmente são associadas a anjos, que são os mensageiros de Deus. Nesse caso, as asas representam a mobilidade dos anjos entre o mundo terreno e o divino. Assim, no desenho de Lucas as asas carregam ambas as conotações, tanto de divindade e maior elevação, mas ao tempo de mobilidade, de estar em ambos os mundos, o que se encaixa na característica de onipresença atribuída a Deus.

Outro elemento pouco usual na representação de Deus que Lucas desenhou são as calças. Dentro da tradição cristã geralmente Deus é representado com uma túnica. Calças são vestimentas modernas e tipicamente masculinas. Desenhar Deus com calças faz com que Ele pareça mais próximo e mais conhecido do que de túnica, pouco usada hoje em dia. As calças e o cabelo curto vão na mesma direção de uma maior proximidade entre Lucas e Deus. Lucas coloca no desenho elementos conhecidos por ele ao representar Deus. Segundo Rios (2008), crianças menores, como Lucas, têm essa tendência, já que assim Deus pode ficar mais próximo e apreensível pela criança. Além disso, esses elementos conhecidos fazem com que Deus seja um alvo da projeção do próprio Self de Lucas, que provavelmente atribui a Deus características presentes nos seus pais, que carregam a maior parte da projeção do Self. Assim, tais elementos

fazem com que a figura de Deus esteja mais próxima da figura dos seus pais, fazendo um gancho para a projeção do Self de Lucas.

Comparando o que foi analisado nesta pesquisa do desenho de Deus com os dados obtidos na pesquisa de Rios (2008) pode-se afirmar que Lucas se encontra mais próximo do primeiro grupo de Rios (2008), com faixa etária de 5 a 7 anos, crianças que se encontravam cursando o pré-primário. Lucas apresenta muitos elementos comuns a esse grupo. Isso se dá porque ele se encontra na mesma fase que essas crianças, ou seja, se encontra na fase mitológica. Alguns resultados das crianças menores encontrados na pesquisa de Rios (2008) através das categorias propostas por ela são iguais aos de Lucas. O tamanho do desenho pequeno em relação à folha é maioria em crianças menores e ele tende a aumentar de acordo com a idade. A figura humana inteira representando Deus também é maioria em crianças desta faixa etária. Apesar de todas as faixas etárias em sua maioria representarem Deus como figura humana inteira, as representações de Deus como figura humana parcial ou objeto simbólico crescem com a idade. Lucas apenas difere de uma categoria das crianças menores da pesquisa de Rios (2008), sendo esta a categoria da atividade de Deus. O desenho de Lucas se encaixa na categoria de Deus como protetor e cuidador. As crianças menores em sua maioria desenharam Deus com atividade lúdica. Apesar disso a frequência de respostas de Deus como protetor e cuidador é a segunda nas crianças menores e tende a se manter a mesma com a idade, quando as respostas se dividem em mais categorias. Pode-se atribuir essa diferença pelo fato de que Lucas se encontra mais perto da fase mental que as crianças menores da pesquisa de Rios (2008).

6.2.2) Desenho livre (Anexo V)

O desenho livre de Lucas apresenta muitos elementos (Anexo IV). Ele começa desenhando uma folha de planta pequena, e no sentido anti-horário desenhou o próximo desenho, uma flor, depois um trevo de quatro folhas, depois uma árvore e assim por diante (folha – flor – trevo – árvore – fruta com um bicho –

bicho da fruta – pássaro – ninho – ovos – omelete – frigideira – fogão – fogo – água – peixe – mar – pôr-do-sol – sol – universo – galáxia – estrela – estrela cadente – cometas – buraco negro – disco voador – extraterrestre – telefone – casa – rua – chão – carro – pessoa – cachorro).

É possível colocar os itens desenhados por Lucas em categorias:

Natureza: Nessa categoria se encaixam os itens folha, flor, trevo de quatro folhas, árvore, fruta, ovos, mar, pôr-do-sol.

Animais: Bicho da fruta, pássaro, cachorro.

Humano e itens criados pelo homem: Frigideira, fogão, telefone, casa, rua, carro e o próprio homem.

Elementos: Fogo, água.

Ciclo Vital: O bicho que se alimenta da fruta, que alimenta o pássaro, que coloca ovos, que o homem faz omelete e se alimenta.

Universo além da Terra: Sol, universo, galáxia, estrela, estrela cadente, cometas, buraco negro, disco voador, extraterrestre.

Opostos: Água e fogo, extraterrestre e homem, luz e escuridão (Sol e buraco negro).

Ao desenhar, Lucas verbalizou o que estava desenhando e interligou os desenhos com setas e formou quase um quadrado, sendo que o último desenho está do lado do primeiro desenho. Ao todo são 33 desenhos. No centro ele escreveu “pensar” e desenhou um rosto pensativo com barba. Lucas disse que “pensar” é porque é necessário pensar e que pensando ele conseguia fazer os próximos desenhos.

Esse desenho corrobora com a hipótese de que o desenho livre tem ligação com o desenho de Deus. É possível pensar que o desenho livre também contém elementos do Self, pois foi mobilizado pelo desenho anterior (de Deus).

O quase quadrado que Lucas formou ao fazer todos os desenhos pequenos é um símbolo do Self. Segundo Chevalier (1990) “... a imutabilidade celeste encontra também sua expressão no quadrado... (p. 250)”. O quadrado é um símbolo do Self porque ele se encerra em si mesmo, assim como o círculo que também é um símbolo do Self.

Sendo então o quadrado símbolo do Self, é possível pensar que no desenho de Lucas ele desenhou elementos do Self, e por conseqüência elementos comuns à imagem de Deus. A característica mais marcante atribuída ao Self é a totalidade. A totalidade é facilmente visível na cadeia que Lucas desenha, onde tudo está ligado e um item gera o outro, lembrando que é necessário que um exista para o outro existir. No desenho Lucas abarcou elementos diversos que estão interligados, como por exemplo, uma folha, o fogo, um buraco negro, um telefone, uma pessoa, entre outros. Na tradição cristã Deus criou tudo o que existe, dessa maneira é possível que o desenho de Deus tenha suscitado em Lucas o desenho de diferentes elementos ligados entre si no desenho livre. Tais elementos remetem a uma totalidade que é tipicamente do Self ou de Deus.

Segundo Chevalier (1990) o centro representa Deus, o centro é uma presença universal e ilimitada, “... é também o símbolo da lei organizadora” (p. 219). Assim o centro ocupa um lugar de destaque, é o centro de outras coisas, é fundamental. No desenho de Lucas no centro está escrito a palavra ‘pensar’ e um rosto pensante com barba. É possível pensar então que esse rosto seja o de Deus, já que ele tem barba como no primeiro desenho. Além da barba pode-se pensar que simbolicamente o centro é o lugar de Deus, é o lugar de grande importância, na tradição cristã Deus se situa no meio, ao lado de Cristo e do Espírito Santo. No desenho de Lucas, Deus está ocupando esse lugar central, próximo a todos os outros elementos desenhados, como se tivesse no controle de todos esses outros elementos. Esse rosto pensante visto como Deus carrega também as características de onipotência, onipresença e onisciência; todas características atribuídas a Deus e também ao Self. A palavra ‘pensar’ escrita também no centro por Lucas também pode ser pensada como um elemento que remete a Deus. A Igreja Católica ensina que é importante ser comedido e não cometer pecados, a impulsividade é algo condenável que pode gerar punição; dessa maneira, o pensamento e o controle são facilmente ligados a Deus. Deus também é visto como detentor de grande sabedoria e poder, ambas características ligadas ao pensamento.

7. Considerações finais

O desenho de Deus de Lucas apresentou elementos (cabelos curtos, calças) que aproximam seu Deus desenhado de sua realidade. Segundo Rios (2008) crianças tendem a fazer isso e na sua pesquisa muitas desenharam Deus brincando ou fazendo atividades conhecidas por elas. Com este comportamento Deus fica mais apreensível à criança. Esses elementos que fazem essa aproximação entre a própria criança e a imagem de Deus têm ligação com o ambiente no qual a criança vive e, portanto, com seus pais. Como foi visto nos capítulos anteriores as crianças até a puberdade projetam o Self majoritariamente em seus pais. Assim, Deus para as crianças não vai carregar a grande carga projetiva do Self que carrega dos adultos. Invés disso, a imagem de Deus para as crianças vai carregar uma parte da projeção do Self e uma carga de valor atribuída e aprendida através de seus pais. No caso de Lucas, podemos confirmar essa hipótese. Seu desenho apresenta elementos que fazem essa aproximação, mas também apresenta elementos que expressam a divindade.

O desenho livre de Lucas suscitou muitas interpretações simbólicas. É possível dizer que seu desenho tem como tema o Self; como foi visto na análise há muitos elementos que remetem ao arquétipo da totalidade. Com isso a hipótese de que o desenho de Deus suscitasse no desenho livre uma outra expressão do arquétipo Self foi confirmada. Através do desenho livre conclui-se que o Self de Lucas e, portanto, sua vida psíquica se encontra em um momento saudável e integrado. No desenho há totalidade, integração, movimento; elementos essenciais ao bom funcionamento psíquico.

Pensando Lucas como um representante de crianças na fase mitológica é possível afirmar que a imagem de Deus para essa fase é de um Deus muito carregado do conceito que os pais têm de Deus. Ele já carrega projeção do Self, mas tal projeção se confunde com a projeção do Self nos pais, fazendo com que haja uma atribuição de características semelhantes aos pais e a Deus. Com a idade a imagem de Deus vai se tornando cada vez mais subjetiva e, dessa maneira irá carregar mais a projeção do Self, apesar de que os conceitos

aprendidos através do ambiente continuam tendo grande importância na imagem de Deus. É possível afirmar também que provavelmente a imagem de Deus nas crianças vai depender muito do eixo ego-Self delas, já que esta provém da relação parental e rege um funcionamento psíquico saudável, possibilitando a projeção do Self como algo positivo.

Conclui-se então que Deus é uma imagem que carrega uma grande força psíquica, sendo que essa força provém da projeção do arquétipo Self. Nas crianças, como no caso de Lucas, mesmo que Deus ainda não seja uma crença espontânea, ele já carrega parte dessa carga psíquica vinda da projeção do próprio Self e do que foi apreendido em relação a Deus através dos pais, sendo essa apreensão consciente e inconsciente.

Através deste trabalho é possível pensar que é muito difícil determinar como o conceito de Deus vai sendo estabelecido ao longo do desenvolvimento humano. No Brasil vive-se em uma cultura católica e Deus está por toda a parte. Além da cultura, Deus vai ser ou não discutido dentro das famílias. Neste meio a criança vai absorvendo informações sobre Deus, mas ainda seu aprendizado se configura como algo fixo, já que a criança ainda não tem a crítica sobre esse conceito e dessa maneira, ainda não tem uma crença a respeito de Deus. Além desses aspectos há a projeção do Self na imagem de Deus. Assim conclui-se que o conceito de Deus em crianças provém de diferentes fontes, tanto externas (cultura e família) como internas (projeção do Self); não sendo possível discriminar qual tem uma maior influência sobre a imagem de Deus daquela criança.

Diferentes autores da Psicologia Analítica afirmam sobre a importância da projeção do Self. Deus tradicionalmente sempre foi o maior detentor desta, mas na sociedade na qual vivemos Deus está perdendo crenças em uma velocidade crescente. Já é possível notar mudanças na imagem de Deus atualmente, onde Deus é visto como majoritariamente como bondoso. Antigamente o lado punitivo de Deus era muito difundido e, hoje em dia, não mais. Dessa maneira, levanta-se a questão de qual será o próximo e principal símbolo do Self, já que Deus como símbolo está se enfraquecendo. As crianças podem refletir essa mudança de símbolo do Self, porque sua psique expressa dois aspectos, o dos seus pais e o

espontâneo de sua psique inconsciente, resultante do arquétipo Self. O estabelecimento desse novo símbolo provavelmente vai levar algum tempo, já que dificilmente um novo símbolo vai haver uma força como a força que o símbolo de Deus carregou e ainda carrega.

8. Referências Bibliográficas

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

DIBO, Monalisa. *Prabhã – Mandala: Os efeitos da aplicação do desenho da mandala no comportamento da atenção concentrada em adolescentes*. Dissertação (Mestrado) em Ciências da Religião. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2007.

EDINGER, Edward F. *Ego e Arquétipo: Uma síntese fascinante dos conceitos psicológicos fundamentais de Jung*. São Paulo: Editora Cultrix, 1992.

FERREIRA, Sueli. *Imaginação e linguagem no desenho da criança*. Campinas: Editora Papirus, 2005.

JAFFÉ, Aniela. *O simbolismo nas artes plásticas*. In: JUNG, Carl Gustav (org). *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2008.

JUNG, Carl Gustav. *Aion: Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1976.

JUNG, Carl Gustav. *O desenvolvimento da personalidade*. Petrópolis: Editora Vozes, 1983.

JUNG, Carl Gustav. *Psicologia e Religião*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

NEUMANN, Erich. *A criança: Estrutura e dinâmica da personalidade em desenvolvimento desde o início de sua formação*. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.

NEUMANN, Erich. *História da Origem da Consciência*. São Paulo: Editora Cultrix, 2008.

OLIVEIRA, Fernanda Moraes Sá Moreira de. *Ética e religiosidade: Uma abordagem psico-pedagógica de crianças da primeira série do ensino fundamental I*. Dissertação (Mestrado) em Ciências da Religião. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2005.

RIOS, Ana Maria Galvão. *Um estudo junguiano sobre a imagem de Deus dentro da tradição cristã*. Dissertação (Mestrado). Programa de Estudos Pós

Graduados em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2008.

ROTH, Maria Cecília. *“Madalena lave as mãos senão você vai pegar AIDS”* A representação social da AIDS em crianças de 6 e 7 anos. Dissertação (Mestrado) em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 1994.

SAMUELS, Andrew. Jung e os pós-junguianos. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1989.

SILVEIRA, Nise da. *O mundo das imagens*. São Paulo: Editora Ática, 1992.

SILVEIRA, Nise da. *Jung: Vida e Obra*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1997.

STEIN, Murray. *Mapa da Alma*. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

VON FRANZ, Marie Louise. *O Processo de Individuação*. In: JUNG, Carl Gustav (org). *O Homem e seus Símbolos*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2008.

Anexo I:

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, RG: _____, declaro por meio deste termo, que concordei que meu filho (a) _____ seja entrevistado (a) na pesquisa referente ao projeto de pesquisa intitulado "O Símbolo de Deus como imagem do Self na criança: um estudo de caso" desenvolvido na Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde no curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Fui informado(a), ainda, de que a pesquisa é orientada pela Professora Ivelise Fortim, a quem poderei contatar a qualquer momento se julgar necessário através do e-mail ivelisef@uol.com.br.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo que é em linhas gerais compreender como é a imagem do Self através de um desenho de Deus em uma criança 8 anos de idade. Fui também esclarecido de que os usos das informações pelo meu filho (a) oferecidas estão submetidas às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde.

A colaboração do meu filho (a) será anônima, por meio de um desenho de Deus e um inquérito sobre este. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo pesquisador e seu orientador.

Estou ciente de que, caso eu tenha dúvida ou me sinta prejudicado, poderei contatar o pesquisador responsável, ou ainda o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, situado na rua Ministro Godoy, 969 – térreo, Perdizes, São Paulo – SP. CEP 05015-000, telefone 36708466.

O pesquisador principal da pesquisa me ofertou uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão de Ética em Pesquisa (CONEP).

Fui ainda informado de que posso me retirar dessa pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

São Paulo, ____ de _____ de _____

Assinatura do participante:

Assinatura da pesquisadora:

Cláudia Coimbra de Toledo Lara

Assinatura da orientadora:

Ivelise Fortim

Anexo II:

Inquérito com a criança:

O que Deus está fazendo?

Pus ele de frente, não está fazendo nada.

Quais características você atribui a ele?

Barba, bondoso, ele ajuda todo mundo. Ele é alto.

Quais sentimentos ele te desperta?

Nada demais. Alegria e felicidade.

Você faz ou deixa de fazer alguma coisa pensando em Deus?

Não.

O que Deus gosta que você faça? O que Ele não gosta que você faça?

Ele gosta que eu faça tudo certo. E não gosta que eu engane as pessoas, e mentiras.

Durante o inquérito ele se mostrou tímido e deu respostas rápidas sem muita reflexão.

Entrevista com o pai:

Você(s) acreditam em Deus?

Sim.

Pertencem a alguma religião? Qual?

Católica.

Freqüentam alguma instituição religiosa? Com qual freqüência?

Não. As vezes, pouco.

Cresceram dentro de alguma religião? Qual?

Cresci dentro da religião católica.

Vocês falam sobre religião e Deus com seu filho (a)?

Fala um pouco, ensino ele a rezar.

Além de você (s), há parentes próximos da criança que afirmem que acreditam em Deus ou que tenham alguma religião declarada?

Sim, a mãe dele, que também é da religião católica. (Os pais de Lucas são separados).

Anexo III:

Cuidados éticos

Todas as normas da resolução 196/96 do Ministério da Saúde, abaixo discriminadas e relativas à pesquisa que envolve sujeitos humanos, serão cuidadosamente discutidas e seguidas:

1. Consentimento livre e esclarecido dos indivíduos-alvo e a proteção a grupos vulneráveis e aos legalmente incapazes (**autonomia**): Na pesquisa aqui proposta, será utilizado o Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo I), no qual se explica o objetivo da pesquisa, sendo que uma cópia deste consentimento será entregue ao participante e a outra ficará com a pesquisadora. Nele consta a garantia de que a participação dos entrevistados pode ser encerrada a qualquer momento (**autonomia**) e a descrição do modo como serão utilizadas as informações coletadas;
2. Ponderação entre riscos e benefícios, tanto atuais como potenciais, individuais ou coletivos (**beneficência**), comprometendo-se com o máximo de benefícios e o mínimo de danos e riscos; e garantia de que danos previsíveis serão evitados (**não maleficência**): A pesquisa não envolve riscos físicos e serão tomados todos os cuidados para que os participantes não corram risco algum. Entretanto, como em toda pesquisa na qual se utilizam entrevistas abertas, os conteúdos emocionais evocados não são totalmente controlados pela pesquisadora. Desta forma, o contato com a pesquisadora presente no Termo de Esclarecimento da Pesquisa será a forma de garantir um cuidado posterior aos participantes. Será fornecido aos pais um cartão com os dados pessoais e de contato do orientador, a fim de que possam, se desejarem ou necessitarem, entrar em contato com os mesmos. Além disso, manter-se-á o compromisso de comunicá-los o término da pesquisa, oferecendo-lhe a possibilidade da marcação de um encontro para que possam ter acesso aos resultados do trabalho. Os

benefícios da pesquisa não serão diretos, sendo a contribuição para a compreensão do fenômeno o principal deles;

3. Relevância social da pesquisa com vantagens significativas para os sujeitos da pesquisa e minimização do ônus para os sujeitos vulneráveis, o que garante a igual consideração dos interesses envolvidos, não perdendo o sentido de sua destinação sócio-humanitária (**justiça e equidade**): A relevância social desta pesquisa justifica-se pela falta de estudos sobre o fenômeno e pela contribuição que ela poderá trazer, no sentido de fornecer subsídios para outros trabalhos de pesquisa sobre o tema da imagem do Self, representada pela imagem de Deus, no desenvolvimento infantil.

Anexo IV:



Desenho de Deus:



